



Os desafios da implementação de boas práticas para o professor de apoio na educação infantil com alunos TEA

Cássia Felix Ramos, UniALFA. cassiamabri@gmail.com
Maria Eduarda Martins, UniALFA. mdudamartins44@gmail.com
Laís Bueno Tonin, UniALFA. Laisbueno77@gmail.com

RESUMO

Nas duas últimas duas décadas de acordo com CDC (Centro de controle e prevenção de doenças), dos EUA publicou em março de 2023 um relatório em que aponta que 01 a cada 36 crianças devem ser diagnosticadas com TEA (Transtorno do Espectro Autista) atualmente, em comparação ao último relatório da mesma agência, a média era de 01 a cada 44 crianças. Este impacto chega até a sala de aula trazendo problemáticas para o professor de apoio, que requer suporte e formação adequada para trabalhar, por isso, diante deste problema, este trabalho tem como objetivo investigar que tipo de suporte um professor de apoio recebe para nortear seu trabalho com o aluno TEA. Para tanto, foi realizado uma pesquisa de campo em um Centro Municipal de Educação Infantil CMEI de Umuarama-Pr, onde foram entrevistadas 10 professoras da etapa da educação infantil, por meio de questionário via *Google Forms*, o qual apontou a percepção sobre o assunto, indicando a possibilidade de se propor e desenvolver um instrumento adequado, como uma *anamnese* simplificada que transmita informações claras e objetivas, mas que dão suporte suficiente para o professor organizar suas atividades adaptadas, além disso, conclui-se que a formação continuada é condição *sine qua non* para atuação dos professores de apoio.

Palavras-chaves: Transtorno do Espectro Autista. Professor de apoio. *Anamnese*. Formação continuada.

1. INTRODUÇÃO

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V, 2014), o Transtorno do Espectro Autista (TEA), também denominado *Autism Spectrum Disorder* (ASD) é entendido como um transtorno do neurodesenvolvimento e é caracterizado por dificuldades na comunicação e interação social e no comportamento, apresentando restrição de interesses, padrões repetitivos e estereotipados. Como também prejudicando o desempenho nas áreas sociais, acadêmicas, profissionais e pessoais.

O Centro de Prevenção e Controle de Doenças dos CDC dos EUA, identifica com recursos e instrumentos de avaliação que mensuram a cada dois anos a incidência de autismo em crianças até 8 anos, e em março de 2023 emitiu um relatório em que aponta uma a cada trinta e seis crianças devem ser diagnosticadas com autismo.

Dentro da sala de aula esse aumento ocorre gradualmente, cada vez mais há crianças com laudo dentro do ambiente escolar. Percebe-se com clareza esse aumento tendo na maioria das salas, entre uma ou duas crianças com o TEA e no mesmo ambiente



ao menos mais uma criança com algum outro transtorno como, por exemplo, o TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), e como agravante o professor precisa lidar com aqueles que não são laudados. Porém é notório que apresentam algum transtorno, entretanto há resistência familiar com as escolas na busca por um especialista na área da saúde, ou uma equipe multidisciplinar (psicólogo, psicopedagogo, fonoaudiólogo e entre outros) tornando assim ainda mais difícil o trabalho do educador.

O professor em sala de aula quando se depara com a criança com laudo de TEA não possui as informações necessárias sobre ela, isso dificulta muito o desenvolvimento de atividades específicas e adaptadas a criança.

As dificuldades do professor em sala de aula iniciam-se assim que se depara com a criança, percebe-se então que as principais causas de problemas enfrentados pelo professor é falta de diálogo entre pais e escola, bem como a falta de um procedimento específico e obrigatório visando boas práticas educacionais direcionadas aos alunos além da capacitação contínua dos professores.

Para tanto, esta pesquisa tem como objetivo investigar que tipo de suporte o professor de apoio do aluno TEA tem no espaço escolar, por isso, será aplicada uma pesquisa de campo, com questões que podem levar a compreensão se há algum apoio para a educação inclusiva, e se existem instrumentos que norteiam o trabalho do professor de apoio.

Investigar quais instrumentos que o professor de apoio tem para construir seu plano de ação visando o ensino, aprendizagem, socialização, comunicação e desenvolvimento de motricidade fina e grossa do TEA, de forma que seu trabalho promova o direito de aprender fazendo que o aluno se desenvolva cada vez mais no âmbito educacional e cognitivo.

A coleta de dados ocorreu diante de um recorte de pesquisa, com aplicação de um questionário em um CMEI cidade de Umuarama-Pr, no qual dez professoras da educação infantil responderam a doze questões que exploram o tipo de suporte que recebem para direcionar o trabalho em sala de aula com os alunos TEA, bem como informações sobre formação continuada que recebem ao longo de um ano.

A fim de investigar as ações do CMEI foi realizado um recorte de análise de apenas sete questões da pesquisa aplicada para observar se há algum tipo de *anamnese*, ou outro



instrumento que pode levar as professoras a conhecerem mais sobre o aluno TEA, e como acontecem as formações continuadas.

Para complementar a investigação, foi consultado no CMEI alguns documentos pedagógicos, como a existência de uma *anamnese psicoeducacional* que de acordo com a coordenadora pedagógica o instrumento deve nortear o trabalho da professora de apoio de alunos TEA, no entanto, a mesma relatou que o instrumento é pouco utilizado, em função da grande extensão do documento, o que acaba cansando as famílias, diante disso, as respostas podem ser mal elaboradas ou faltar com a verdade.

A partir desta contextualização o presente trabalho apresenta a fundamentação teórica com um arcabouço de teóricos que conceituam os aspectos do TEA, bem como as Leis que norteiam e conjecturam uma educação inclusiva no espaço escolar.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa desenvolve-se metodologicamente a partir de uma revisão bibliográfica das leis de inclusão para TEA no Brasil, e de uma pesquisa de campo de natureza qualitativa e quantitativa, para tanto, realizando a coleta de dados por meio de um questionário via *Google Forms*, com doze questões para um universo de dez professoras Pedagógicas com Especialização *lato sensu* em Educação Especial que atuam em um CMEI do município de Umuarama-Pr, como professoras de apoio de alunos com TEA, entretanto, foram utilizadas apenas sete questões do questionário que correspondem ao objeto desta pesquisa, como um recorte de análise para o presente trabalho.

Ao optar por uma pesquisa realizada a partir dessa metodologia, busca-se compreender o atual cenário envolvendo a problemática investigada, contribuindo assim, para o campo da pesquisa em Educação.

3. PROFESSOR DE APOIO E LEGISLAÇÃO

No CMEI escolhido como espaço para a pesquisa de campo, foi identificado um instrumento chamado *anamnese psicoeducacional* que tem como objetivo conhecer a realidade dos alunos para que os professores de apoio, possam identificar se as orientações necessárias sobre o aluno estão sendo repassadas, como também identificar se a coordenação está realizando as formações com frequência orientando o plano de aula



e principalmente as adaptações das atividades, que são tão importantes e primordial quando trata-se de aluno com TEA.

O professor de apoio tem um papel importante de acordo com a lei nº 12.764. Segundo a instrução normativa n.º 001/2016 – SEED/SUED do estado do Paraná diz que o professor deve ter sua formação comprovada e a especialização na área da Educação Especial.

5.2 Atuar de forma colaborativa com os professores das diferentes disciplinas, para a definição de estratégias pedagógicas que favoreçam o acesso do estudante ao currículo e sua interação com os colegas, desde a promoção de condições de acessibilidade no contexto escolar até as modificações mais significativas na organização da sala de aula, dos materiais e recursos pedagógicos utilizados pelo estudante e pelo professor.

A criança com TEA tem o seu direito garantido por lei n.º 12.764, de 27/12/2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; “A necessidade de implementação do atendimento especializado aos estudantes que apresentam Transtorno do Espectro Autista, emite a presente”.

A Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED) vem afirmar e colocar na forma da lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que no estado do Paraná é obrigatório o professor de apoio ter sua formação comprovada e a especialização na área da Educação Especial, porém algumas Redes de Ensino Municipal baseiam-se na lei de Inclusão Total lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, em que se percebe o profissional de apoio como um cuidador da criança, com a responsabilidade sobre a alimentação, higiene e locomoção, tendo em vista por esse viés que fica em aberto para um outro profissional, de uma outra área para realizar este apoio, como por exemplo, um estudante de enfermagem, pois na referida lei não se direciona o atendimento a um profissional da área da educação, nem tão pouco faz menção a função de um professor de apoio, no qual este trabalho de cuidador não é de sua atribuição. O mesmo tem como principal função ser um mediador do ensino e aprendizagem proporcionando ao aluno compreensão de tudo que é trabalhado em sala pelo professor regente. Como mostra no inciso XIII da Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.

XIII - profissional de apoio escolar: pessoa que exerce atividades de alimentação, higiene e locomoção do estudante com deficiência e atua em todas as atividades escolares nas quais se fizer necessária, em todos os níveis e modalidades de ensino, em instituições públicas e privadas, excluídas as técnicas ou os procedimentos identificados com profissões legalmente estabelecidas;



A inclusão no ambiente escolar envolve a criação de políticas públicas abrangentes e eficazes para garantir que todos os alunos com TEA independentemente de suas diferenças, tenham as mesmas oportunidades e acesso a uma educação de qualidade.

Observa-se como uma necessidade de boas práticas, a implementação de ações para que aconteça a inclusão; fornecendo formações adequadas e contínuas para os professores com objetivo de atender as necessidades da pluralidade de alunos, incluindo-se estratégias de ensino diferenciado, adaptações curriculares e o uso de tecnologias assistiva, recursos adequados garantindo assim que as escolas tenham os recursos necessário para consolidar a inclusão, contando com equipamentos especializados e materiais didáticos específicos. Uma outra política com grande importância seria a promoção de práticas inclusivas, como palestras e campanhas de conscientização sobre a importância da aceitação da neurodiversidade, realizando também campanhas específicas para a família da criança com laudo, como uma forma de ajudar na aceitação e na orientação sobre a rede de apoio na qual a criança tem direito.

Neste contexto um dos assuntos educacionais mais significativos da atualidade é a Tecnologia Assistiva (TA). Ela aparece juntamente com recursos múltiplos de ajuda para diminuir diferenças e potencializar a mediação no processo de aprendizagem de pessoas com deficiências. Nesta perspectiva, a TA pode contribuir no processo de Mediação da Aprendizagem da criança Autista. Os autistas apresentam déficits importantes de interação social, comunicação, linguagem e comportamento (CARNEIRO VB, etal.,2015).

Outro ponto de destaque para formação do professor de apoio, é a Tecnologia Assistiva (TA) utilizada para identificar recursos tecnológicos utilizados por pessoas que tem algum tipo de transtorno (Transtorno do Espectro Autista ou Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade, ou alguma deficiência física, como perca auditiva, pouca visão e entre outros). Em resumo, pessoas com dificuldade motora, visual, auditiva, mental e/ou intelectual, são pessoas que tem direito a utilizar tecnologias assistivas nas escolas. A TA é um auxílio para que essas pessoas tenham acessibilidade, podendo assim facilitar a comunicação, e entendimento de conteúdos pois, as crianças podem utilizar tablets ou computadores para realizar tarefas dentro da sala de aula. Diante a lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, no capítulo II, artigo 4, 1º parágrafo diz:

§ 1º Considera-se discriminação em razão da deficiência toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoa com deficiência, incluindo a recusa de



adaptações razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistivas (Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015).

Como foi apontado acima, é um direito das pessoas com deficiência o fornecimento de tecnologias, ou seja, mesmo que os pais não tenham condições financeiras para adquirir o tablet ou computador, é dever do estado fornecer-lá. Em escolas privadas também se aplica a mesma lei, e segue sendo direito do aluno utilizar a TA.

Visto que esta tecnologia auxilia no desenvolvimento cognitivo do aluno, pois ela oferece suporte visual que chama atenção e facilita o entendimento dos alunos com TEA e TDAH. Proporciona também uma metodologia mais ativa, ajudando na construção do conhecimento da criança.

Contudo, percebe-se a importância da aplicação das políticas públicas de forma eficiente e continua em todas as esferas governamentais para que aconteça um comprometimento total com a inclusão de todos os alunos com TEA, por isso é primordial que haja um contínuo diálogo entre pais, professores e especialistas em educação inclusiva, para garantir que todo esse processo esteja alinhado com a realidade das escolas e dos alunos.

Muitos foram os desafios dos professores, dentre eles a falta de informação por parte dos pais referente a criança com laudo, no caso deste texto em específico com o TEA. Conhecer a criança e suas especificidades se faz necessário, por exemplo, para saber se ela é seletiva com alimentação, sobre o cognitivo ou as formas que os pais percebem que há uma maior facilidade em compreender comandos, questões referente ao toque, se a criança aceita contato físico, se tem algo que desencadeia uma crise ou uma reação muito negativa por parte da criança, tudo isso o professor descobre observando a criança, o que leva mais tempo, e que poderia ser diminuído se houvesse um simples diálogo entre familiares e escola.

Conhecer todas as características da criança dentro da sala de aula é perceber todas as suas diferenças, uma vez que é dentro da sala que a criança vai desenvolver laços de afetividade com outras, se reconhecer dentro do espaço, desenvolver sua linguagem, suas interpretações, opiniões, interesses e começar a questionar sobre aquilo que não tem conhecimento ou que não lhe agrada no ambiente. No caso específico da criança com TEA, existem algumas diferenças que são mais perceptíveis diante de uma criança típica, como



por exemplo a socialização em sala, estereotípias e o atraso na fala, que pode haver ou não.

Saber o histórico da criança pode de fato ajudar no ensino e aprendizagem realizados em sala na Educação Infantil, esse processo facilitaria a forma de ensinar do educador e como consequência refletiria de uma forma positiva na vida escolar dessa criança. Observou-se que a família é um eixo importante no processo de ensino e aprendizagem.

3.1 Diagnóstico de TEA, família e ambiente escolar

Ouvir o relato dos pais e realizar uma entrevista para obter informações pertinentes ao transtorno do aluno também se fazem prioritariamente essenciais para que a inclusão seja feita de forma eficiente, pois:

a família pode colaborar de maneira muito especial para o desenvolvimento da criança portadora de autismo na escola, principalmente fornecendo aos profissionais informações sobre as formas de comunicação da criança (Serra, 2010, p.46-47).

Como aponta Ferreira e Barrera (2010) o diálogo entre a escola e a família nem sempre é benéfico de uma forma tranquila e eficaz. Os pais cobram muito um resultado da escola. E em contrapartida a escola também culpa os pais, por não fazerem sua parte, como ter uma rede de apoio multidisciplinar para a criança. Pois a escola recebe cobranças sobre a alimentação, interação, desenvolvimento cognitivo e entre outros, mas, quando solicitado uma ajuda multidisciplinar, não recebem um retorno positivo por parte da família.

Além disso, vale lembrar que, muitas vezes, a relação família-escola não passa de uma relação unilateral de informações e cobranças: a escola avisa os pais sobre as reuniões, os eventos, os problemas dos alunos e reclama sobre o mau comportamento, sobre dificuldades na aprendizagem da criança (FERREIRA; BARRERA, 2010).

As informações ou características da criança TEA são muitas, uma delas é o conhecimento sobre a fala da criança, que muitas vezes se comunica através de gestos, sussurros, gritos, piscar de olhos entre outras formas quando a família informa sobre esta tão importante informação o professor consegue elaborar o seu plano de aula com mais eficiência e rapidez além de incluir esta criança de uma forma mais humanizada, interagindo melhor com a criança.

Em 1994 segundo a Declaração de Salamanca:



A educação de crianças com necessidades educacionais especiais é uma tarefa a ser dividida entre pais e profissionais. Uma atitude positiva da parte dos pais favorece a integração escolar e social. Pais necessitam de apoio para que possam assumir seus papéis de pais de uma criança com necessidades especiais. O papel das famílias e dos pais deveria ser aprimorado através da provisão de informação necessária em linguagem clara e simples; ou enfoque na urgência de informação e de treinamento em habilidades paternas constitui uma tarefa importante em culturas aonde a tradição de escolarização seja pouca (UNESCO, 1994 s.p).

A Declaração de Salamanca enfatiza a importância e a responsabilidade dos pais em ter um papel ativo na escola em relação ao seu filho com necessidades especiais evidencia o seu papel dentro da comunidade escolar de forma clara e objetiva.

Devido essa importância do diálogo família e escola, um dos fatores que prejudica a efetivação dessa parceria é o processo doloroso e lento de aceitação por parte dos pais e principalmente para as mães em relação ao laudo recebido. Com isso, a família passa por algumas etapas, em um primeiro momento a negação e o choque com o laudo recebido, caracteriza-se pela dificuldade de acreditar que seu filho tem um transtorno, outros sentimentos também se afloram, como de raiva e culpa, raiva por estar nesta situação e culpa por sentir que poderia ter feito algo em sua gestação, talvez mudado alimentação, praticado exercícios, uso ou não de medicamentos, são pensamentos que atormentam o psicológico da mãe.

Existem mães que após o diagnóstico procuram ajuda de profissionais como psicólogos, e não sofrem tanto no processo, mas são raros os casos. Buscar apoio emocional e psicológico é fundamental para as mães que enfrentam o diagnóstico de TEA de seus filhos. Isso pode incluir terapia individual ou em grupo, grupos de apoio de pais e a conexão com organizações que se dedicam ao autismo.

Antes mesmo da confirmação do positivo da gravidez, a idealização sobre esse filho ideal já existe, os pais se preparam para o recebimento dessa criança nos níveis físico, psicológico e financeiro, inúmeros planos são feitos sobre essa criança que nem se tornou real ainda. De tal modo que ao chegar um filho com TEA, as expectativas são quebradas, e eles não estarão preparados para receber as imperfeições, por isso passam por um estágio de luto pela perda do filho ideal (DUARTE, 2019).

O processo do luto é doloroso para os pais e familiares pois é quebrado a expectativa sobre a vida daquela criança. E surgem muitas dúvidas, como será a vida dela adulta, a rotina na escola, o preconceito, o bullying, a vida profissional e de trabalho. Todo esse processo prejudica, pois, as intervenções não serão feitas no momento correto ou esperado que é logo no início do recebimento do laudo, causando assim intervenções tardias,



afetando o ensino e a aprendizagem da criança. Porém, após os pais procurarem uma ajuda, tanto para a criança quanto para eles, é possível ver um grande salto de desenvolvimento na criança, pois as terapias são aplicadas de forma correta e existe um retorno positivo, e isso faz com que a família fique contente e não pense apenas no lado negativo de um laudo, e que existe sim maneiras de uma criança dentro do espectro se desenvolver tanto quanto uma criança dita normal, iniciasse então um processo de amadurecimento, resiliência e aceitação, fazendo com que os pais corram atrás dos direitos da criança.

Contudo, para que todo esse processo de inclusão aconteça para alunos TEA dentro do ambiente escolar recomenda-se a boa prática do preenchimento de uma *anamnese* específica e simplificada, com todas as especificidades da criança da educação infantil com faixa etária de 4 a 5 anos.

Desta forma, ao aplicar uma proposta de *anamnese* o professor pode obter informações para suprir as dificuldades encontradas em sala de aula quando se recebe uma criança com diagnóstico de TEA pois entende-se pelo contexto que a ausência de informações atrapalha o desenvolvimento educacional de ensino e aprendizagem do TEA em sala de aula.

4. ANÁLISE E DISCUSSÕES DO RESULTADO

O presente trabalho optou por realizar uma pesquisa de campo na qual realizou um recorte de sete questões com o objetivo de identificar que tipo de suporte os professores possuem em ambiente escolar, especialmente no que se refere a formação continuada e instrumentos como a *anamnese* para coletar informações a fim de conhecer as características do aluno que já possui diagnóstico de TEA na escola.

Como já apontado anteriormente foi consultado na escola um modelo de *anamnese* psicossocial, que de acordo com a coordenação pedagógica apresenta uma problemática, pois trata-se de um instrumento longo e que requer um profissional habilitado na área da Psicopedagogia para aplicá-lo com eficiência, de forma que consiga obter das famílias informações precisas.

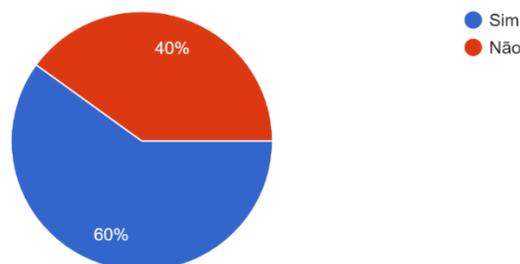
A partir da pesquisa aplicada por meio do questionário para as dez professoras de apoio do CMEI, observou-se alguns fatos, dentre estes, 40% dos professores não recebem



nenhuma informação da coordenação ou direção escolar sobre a criança a qual irá trabalhar, portanto, um alto percentual diante de um contexto tão importante, pois sabe-se que uma criança autista tem características diferentes de outra, não basta ter um laudo, é preciso reconhecer suas necessidades. Portanto, considera-se fundamental que a escola tenha um plano de ação para orientar professores de apoio de crianças TEA.

Gráfico 1: Recebe orientações dentro da escola, seja coordenação ou da direção escolar, sobre o aluno com TEA.

Recebe orientações dentro da escola, seja da coordenação ou da direção escolar, sobre o aluno com TEA?
10 respostas



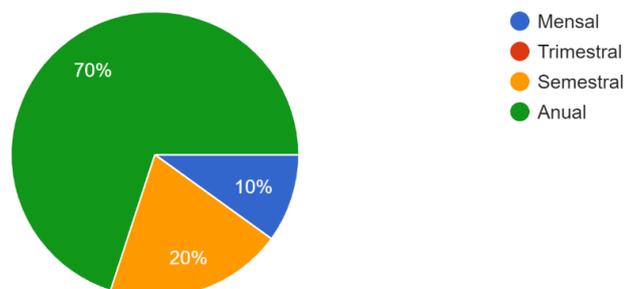
Fonte: autoras (2023)

De acordo com o gráfico 04 da pesquisa aplicada, quando citamos a importância de boas práticas direcionadas aos professores, buscou-se contextualizar um cenário que está muito visível aos profissionais que hoje estão no contexto escolar dentro da sala de aula e o gráfico demonstra claramente a ausência das formações continuadas, onde 80% dos professores não recebem formação adequada e muitos não receberam nenhuma formação. Isto se torna um cenário muito grave e preocupante quando se trata de Educação Inclusiva.

Gráfico 2: Recebe capacitação frequentemente?



Recebe capacitação frequentemente?
10 respostas

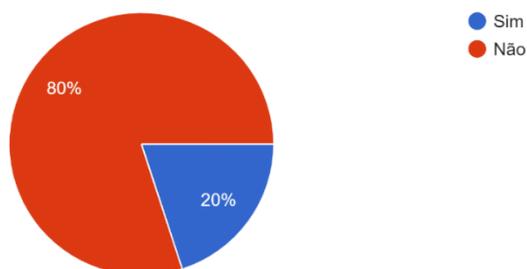


Fonte: autoras (2023)

Apenas 20% dos professores participantes da pesquisa afirmaram ter cursos de formação semestral, 10% mensal, e a grande maioria, 70% recebem a formação apenas anualmente, percebe-se uma defasagem quanto os investimentos na área da educação inclusiva.

Gráfico 3: Recebe ajuda da orientadora ou coordenadora para elaboração do plano de aula e das adaptações das atividades?

Recebe ajuda da orientadora ou coordenadora para a elaboração do plano de aula e das adaptações das atividades?
10 respostas



Fonte: autoras (2023)

Ou seja, o percentual de 80% de respondentes demonstra a ausência por parte da coordenação e direção da escola que não contribui para orientação dos professores na elaboração dos planos de aula e adaptações de atividades e avaliações, uma vez que os



profissionais de apoio não têm hora atividade, ou seja, não podem fazer adaptações, pois não possuem tempo para elaborar tais planos ou atividades.

Foi elaborada uma questão aberta que perguntou às professoras: “Qual o tipo de apoio elas recebem da escola?”. Para análise seguem as respostas de oito professoras que responderam essa pergunta:

1. *“Na verdade, nós professores de apoio não temos hora atividade para elaborar os planos de aula ou fazer alguma adaptação no plano de aula da professora regente, deveríamos ter ao menos 2 horas semanais para a elaboração de alguma atividade complementar para tentar sanar alguma dificuldade do aluno com TEA.” Em outra resposta foi dito “Não há esse tipo de apoio, não há atividades desenvolvidas para aquela determinada criança, muito menos as avaliações.”*
2. *“Não tenho apoio”.*
3. *“Não recebo apoio para as dúvidas que tenho”.*
4. *“Nenhum apoio”*
5. *“Não recebemos apoio”.*
6. *“Recebo apoio de um profissional da educação, porém muitas vezes não capacitado na área”.*
7. *“Não esse tipo de apoio, não há atividades desenvolvidas para aquela determinada crianças, muito menos avaliações”.*
8. *“Recebo dicas para adaptação do planejamento quando necessário”.*
9. *“Nenhum, nem os pais trouxeram laudos, embora, sabe-se que temos no mínimo três crianças TEA”.*

Fica claro o desapontamento das professoras de apoio quanto a falta dos instrumentos adequados, bem como, as formações continuadas. Diante deste contexto, é possível concluir a problemática que envolve a inclusão no contexto escolar.

Quanto ao ambiente adaptado ou recursos dentro da sala de aula a maioria relatou ter alguns materiais, porém estão defasados e acabam por não ajudar muito na aprendizagem da criança. Sabendo que uma criança com TEA necessita de recursos visuais, jogos, atividades lúdicas, brinquedos interativos e entre outros, se torna uma realidade difícil para o professor de apoio, pois as escolas recebem materiais, mas, foi visto que, são jogos antigos e muitas vezes não são específicos para trabalhar com a criança com TEA, fazendo-se assim, que o professor tenha que adaptar e criar jogos pedagógicos.

Como relatou-se por meio da questão nove, com alguns relatos:

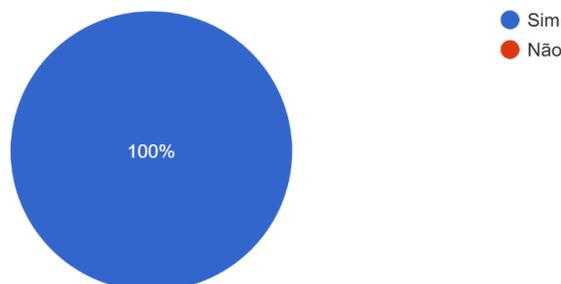
1. *“Há alguns sim, porém ainda deixa a desejar.”*
2. *“Há alguns, mas não são muitos e já estão ultrapassados.”*

Gráfico 4: Julga pertinente receber uma anamnese da criança com TEA contendo todas as características e informações do aluno?



Julga pertinente receber uma anamnese da criança com TEA contendo todas as características e informações do aluno?

10 respostas



Fonte: autoras (2023)

Foi analisado que 100% dos participantes consideram necessário receber uma *anamnese* da criança com TEA contendo todas as características e informações do aluno, pois assim, o professor especializado passa a saber mais sobre o aluno mesmo antes de conhece-lo, para assim essa criança ter uma recepção melhor e mais calma dentro da escola, possibilitando-se assim, um tempo hábil para que o professor consiga organizar seu plano de aula voltado a criança com TEA, direcionado ações e metodologias ativas e inclusivas.

Um outro dado que surge demonstrando um desacordo e uma grande preocupação quando falamos de inclusão escolar é o plano de ação especializado para crianças com TEA, a pesquisa mostrou que esse plano não existe, revelando que muito se fala em leis e projetos para que escolas possam receber as crianças com laudo de TEA de forma humanizada e efetiva, porém, na prática isto não se aplica de forma adequada.

Segundo a lei nº9.394/96, no artigo 59, preconiza que os sistemas de ensino devem assegurar aos estudantes currículos, métodos, recursos e organização específicos para atender suas necessidades. Este plano tem como finalidade atender a toda e qualquer criança/ estudante que apresente empecilho em sua aprendizagem quer sejam dificuldades, transtornos específicos ou globais do desenvolvimento. Dentro da lei, no inciso I é dito: I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades.



Dentro das organizações específicas para a aplicação de boas práticas educacionais o PDI (Plano de Desenvolvimento Individualizado) tem como objetivos principais: oferecer formas e recursos diferenciados para o aprendizado de conceitos e conteúdos; promover ambiente alfabetizador por meio de estímulos e atividades práticas e concretas; despertar o interesse a participação e interação nas aulas; desenvolver a autonomia e independência da criança/estudante; acompanhar o desenvolvimento da criança/estudante, respeitando suas necessidades e individualidades; e criar estratégias de aprendizagem durante o processo de modo a garantir o aprendizado da criança/ estudante.

Na questão 11 da pesquisa, os profissionais foram indagados sobre principal dificuldade dentro da sala de aula sendo *professor de apoio*, e foram citados diversos fatos.

Como se observa:

1. “Conseguir adaptar o aluno em um ambiente que não é tão preparado para o receber.”
2. “Não ter uma formação adequada, falta de comprometimento por parte da secretaria de educação para com os professores, falta de recursos, falta de atividades adaptadas para a criança em questão.”

Isto faz com que vejamos a necessidade de mudar a realidade que essas crianças vivem, nas salas de aula. Como foi dito anteriormente, a falta de adaptação, falta de recursos, falta de formações para os profissionais, atrapalham o desempenho de aprendizagem e desenvolvimento do aluno.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Considera-se relevante observar a análise dos resultados da pesquisa apresentada no que se refere ao apontamento dos professores quanto aos anseios para melhoria no processo de ensino e aprendizagem para aluno TEA em sala de aula, especialmente no que se refere a instrumentos para nortear boas práticas, como uma *anamnese* que identifique traços de comportamentos que sejam capazes de nortear o trabalho do professor.

Diante do que foi apontado pela pesquisa, percebe-se a importância do uso de uma *anamnese* educacional mais simplificada, pois o instrumento utilizado atualmente pelo CMEI não se mostra efetivo, sendo muito extenso e abordando questões que não se faz necessário para o conhecimento da coordenação, direção e professor. A mesma pode



colaborar com a agilidade que os pais esperam no momento de preencher o documento, tornando mais eficaz.

Diante da proposta da melhoria da *anamnese* o professor poderá adaptar atividades para que o processo de avaliação seja mais justo, poderá realizar o planejamento de aulas adaptadas com antecedência melhorando assim suas metodologias.

Observou-se que a pesquisa também indica a necessidade de formação continuada para atuar com crianças TEA, e melhorar a compreensão das necessidades que emergem da sala de aula. Visto que, em sua maioria, os professores têm formação apenas anualmente, demonstrando assim, que há uma defasagem no processo de formação continuada dos professores da rede municipal.

Por fim, destaca-se a dificuldade de implementar essas boas práticas, pois elas podem depender de políticas públicas consistentes na área da educação do município, ou de um olhar humano sobre a educação especial que pode ser incentivado pelos gestores pedagógicos, como coordenadores, diretores e psicopedagogos, entre outros profissionais da equipe multidisciplinar que busquem melhorar suas práticas em sala independentemente de políticas públicas, ainda observa-se que em escolas particulares as dificuldades são as mesmas, mas a partir de sensibilização a direção pode optar por promover o uso de instrumentos como a *anamnese* simplificada para TEA, que pode apoiar professores em sala de aula.

E por fim, não menos importante o apoio e colaboração de respostas fidedignas por parte da família tornam-se fundamental para o sucesso da *anamnese* e conseqüentemente para o suporte que norteia o trabalho do professor de apoio, que terá subsídio para trabalhar com o aluno TEA compreendendo melhor suas necessidades em sala de aula, o que pode garantir uma aprendizagem mais efetiva.

REFERÊNCIAS

ASSOCIATION, American Psychiatric (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. Estados Unidos: Artmed Editora, 2014, 992.

BRASIL. **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996**. Brasília, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm#:~:text=Estabelece%20as%20diretrizes%20e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional.&text=Art.%201%C2%BA%20A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20abrange.civil%20e%20nas%20manifesta%C3%A7%C3%B5es%20culturais. Acesso em: 14 de novembro de 2023.



BRASIL. **LEI Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012.** Brasília, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2012.764%2C%20DE%2027%20DE%20DEZEMBRO%20DE%202012.&text=Institui%20a%20Pol%C3%ADtica%20Nacional%20de,11%20de%20dezembro%20de%201990. Acesso em 14 de novembro 2023.

BRASIL. **LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015.** Brasília, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm Acesso em: 14 de novembro de 2023.

CABRAL, C. S. FALCKE, D. MARIN, A. H. **Relação Família-Escola-Criança com Transtorno do Espectro Autista: Percepção de Pais e Professoras.** Revista Brasileira de Educação Especial, Bauru, v.27, e0156, p.493-508, 2021.

CAMARGO, S P; BOSA, C A. **Competência social, inclusão escolar e autismo: Um estudo de caso comparativo.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, Rio Grande do Sul, v.28, n.3, p.315-32, junho de 2012.

FERREIRA, S. H. A., BARRERA, S. D. **Ambiente familiar e aprendizagem escolar em alunos da educação infantil.** PSico, Porto Alegre, v. 41, n. 4, pp. 462-472, out./dez. 2010.

PESSOA, R. M., MELO, U., LIMA, J. **Luto pelo filho idealizado: pais de crianças com TEA,** Revista eletrônica Estácio Recife, Recife, Vol. 7 – Nº 02 - Março, 2022.

PROENÇA, M, F, R. FILHO, M, M. SANTOS, C, C, T. RODRIGUES, T, P, R, R. CANGUSSU, D, D, D. SOUTO, O, B. **A tecnologia assistiva aplicada aos casos de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).** Revista Eletrônica Acervo Saúde, Vol.Sup.31, e541, S/P, outubro, 2019.

SERRA, Dayse. **Autismo, Família e Inclusão.** Polêmica Revista Eletrônica, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 40 – 56, janeiro/março 2010.

UNESCO. **Declaração de Salamanca.** Salamanca, 1994.



ANEXOS

ANEXO 1

PREFEITURA MUNICIPAL DE UMUARAMA
ESTADO DO PARANÁ
Secretaria Municipal de Educação
AVALIAÇÃO PSICOEDUCACIONAL NO CONTEXTO ESCOLAR
ANEXO 2
ENTREVISTA COM OS PAIS ou RESPONSÁVEL

OBSERVAÇÃO: Anexar cópias dos laudos, exames, receitas médicas de uso contínuo, avaliações anteriores que eventualmente o aluno tenha realizado.

I – IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO:

Nome: _____
Data de nascimento: ____/____/____ Idade: ____ anos e ____ meses
Naturalidade: _____ Estado: ____
Nome do pai: _____ Idade: ____
Profissão: _____
Nome da mãe: _____ Idade: ____
Profissão: _____
Endereço residencial: _____ Fone: _____

II – COMPOSIÇÃO FAMILIAR: citar também a criança que está sendo avaliada.

NOME	IDADE	SEXO	ESTADO CIVIL	GRAU DE PARENTESCO	INSTRUÇÃO	LOCAL DE TRABALHO



Nascimento (parto normal, fórceps, cesariana, muito rápido, demorado, se a criança chorou logo, se nasceu roxa, se necessitou de oxigênio, de incubadora, incompatibilidade sanguínea, peso ao nascer, reflexos de sucção, Teste do Pezinho).

V – DESENVOLVIMENTO:

Desenvolvimento Psicomotor (Idade em que sustentou a cabeça, que sentou sozinho, que engatinhou, que andou, que controlou os esfínteres – vesical e anal diurno e noturno, preferência manual...)

Linguagem (Em que idade se deu o balbucio, as primeiras palavras/frases, defeitos de linguagem, gagueira...)

Alimentação (período em que foi amamentado no seio/mamadeira, reações à introdução de outros tipos de alimentação, falta de apetite, alimenta-se em excesso, normal...)

Sono:

Como foi o sono desde pequeno? _____

Houve época em que melhorou ou piorou? _____ Quando? _____

Atualmente, como é o sono? _____

Qual a atitude dos pais? _____

Dorme bem? _____ Pula quando dorme? _____

Levanta pernas e braços? _____

Baba à noite? _____ Desde quando? _____

Fala dormindo? _____ Desde quando? _____

Grita durante o sono? _____ Desde quando? _____

Range os dentes? _____ Desde quando? _____

É sonâmbulo? _____ Desde quando? _____

Tem pesadelos? _____ Desde quando? _____

Lembra do que aconteceu no dia seguinte? _____

Dormiu até que idade com o casal? _____

O que sentiram ou sentem com a separação de quartos? _____

Dorme com alguém no quarto? _____ Quem? _____



Acorda e vai para cama dos pais? _____
Atitude dos pais? _____

Manipulação e Hábitos:

Usou chupeta ou dedo? _____ Até quando? _____
Roeu ou roe unhas? _____ Até quando? _____
Apresentou ou apresenta algum tique nervoso? _____
Qual? (enrolar ou arrancar cabelo, mexer na orelha, morder os lábios, etc.) _____
Atitude dos pais frente a esse hábito? _____
Tem medo de pessoas, animais, barulhos estranhos, altura, escuro, etc? _____
Manifesta agressividade ou agride fisicamente outras pessoas? Em que momento? _____
Os pais têm conhecimento desse comportamento em sala de aula? _____
Mentira, furtos ou fugas de casa? _____
Atitude dos pais? _____
Como se relaciona com os amigos e pessoas da escola? _____
Tolera ouvir um "não"? _____
Qual é a sua atitude diante da repreensão? _____
De que forma é punido? _____
Chora com frequência? _____ Faz birras? _____
Como se comporta quando está doente? _____
Solicita em demasia a atenção dos pais? _____
Alguma dificuldade em fazer e manter amigos? _____
Assiste TV em demasia? Qual é o seu programa preferido? _____
Faz uso do computador? _____ Quantas horas por dia? _____

VI – SOCIABILIDADE: (Faz amigos (as) com facilidade, brinca – como, quando e com quem, atividade de lazer, comportamento nos ambientes em geral...)

VII – INFORMAÇÃO MÉDICA:

Visão: _____ Usa lentes corretivas () sim () não

Audição: _____ Usa recurso auditivo/Prótese auditiva () sim () não

Problemas Físicos: _____

Saúde em geral: (Informações relevantes desde o nascimento até o momento).

Possui algum laudo médico? Toma alguma medicação de uso contínuo?

Atendimentos Complementares: (psicologia, fonoaudiologia, fisioterapia, psicopedagogia, acompanhamento neurológico ou psiquiátrico entre outros).

VIII – ATIVIDADES DE VIDA DIÁRIA:

Hábitos de higiene (toma banho sozinho, se veste, calça meia, calça sapatos, se penteia, escova os



dentes regularmente sozinho, tem cuidados com sua aparência pessoal e vestuário...)

Responsabilidade por tarefas no lar (especificar).

IX – DINÂMICA FAMILIAR:

Com quem a criança reside:

Relacionamento dos pais entre si:

Relacionamento dos pais com os filhos:

Relacionamento entre os filhos:

Relacionamento geral entre os familiares:

X – ANTECEDENTES FAMILIARES: (Doenças, deficiências, vícios, grau de parentesco, idade em que ocorreu, situação atual...)

XI – INFORMAÇÃO ESCOLAR:

Já foi retido (reprovou)? _____ Em que ano/série? _____ Quantas vezes?

Rendimento escolar (necessita de auxílio na execução de tarefas escolares, na escola e em casa...)

Quais as queixas que a escola faz a respeito das dificuldades da criança?

Frequência à escola (gosta de vir, é assíduo). Já precisou ou fez uso da **FICHA DE COMBATE A EVASÃO ESCOLAR** ou acompanhamento pela **REDE DE PROTEÇÃO**?

XII – Bolsa Família ou Benefício de Prestação Continuada – BPC.

XIII – PARTICIPA DE OUTRA ATIVIDADE EXTRACLASSE:



XIV – SEXUALIDADE:

Em relação a si mesmo (masturbação; gestos obscenos, curiosidades...):

Atitude dos pais:

Manifesta curiosidade sexual? _____ Que pergunta faz?

Qual a atitude dos pais?

Teve orientação? _____ Por parte de quem?

Manipula os órgãos sexuais? _____ Brincadeiras sexuais com outras crianças?

Quais?

Qual a atitude dos pais?

XV – OBSERVAÇÕES:

Umuarama, _____ de _____ de _____.

Entrevistador: _____

Função:

Entrevistado:

Grau

de

Parentesco:



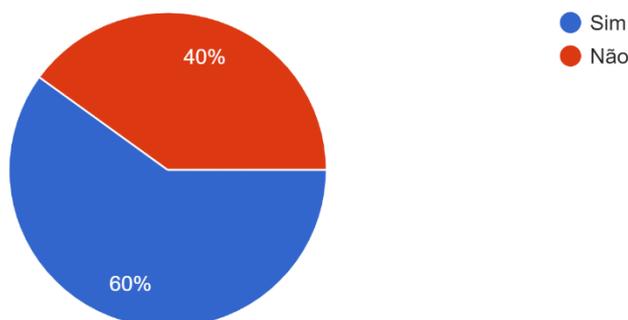
8- Faz uso de medicamentos? Quais? <hr/>
9- Qual o médico que acompanha a criança? Qual a frequência de consultas? <hr/>
10- Sobre o comportamento da criança, apresenta agressividade? Se sim, em quais situações? <hr/>
11- Sobre quais circunstância percebe-se que a criança fica nervosa, agitada e inicia uma possível crise? <hr/>
12 Quanto ao desenvolvimento cognitivo você como mãe ou pai percebe se a criança tem um total entendimento sobre comandos que lhe são dados? <hr/>



ANEXO 3

1- Recebe orientações dentro da escola, seja da coordenação ou da direção escolar, sobre o aluno com TEA?

10 respostas



2- Quais orientações?

10 respostas

Sem orientações.

Quanto as ações que terei com a criança.

Como laudos e reuniões com os pais de alunos com TEA.

Eu recebo algumas orientações sobre crianças específicas e as suas limitações cotidiana.

Não.

Não recebemos orientações em como agir diante as crises, bem como, em relação as adaptações necessárias nas realizações das atividades.

Indicando cursos e palestras.

Como é a rotina e algumas características do aluno.

Quanto ao tratamento e cuidados que devemos ter com o aluno.

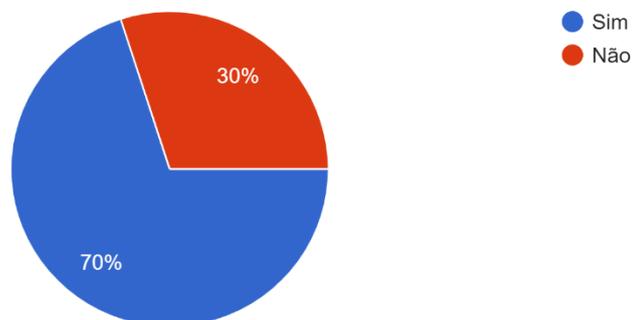
Nenhuma, faço que eu sei, o que aprendi na Pós graduação





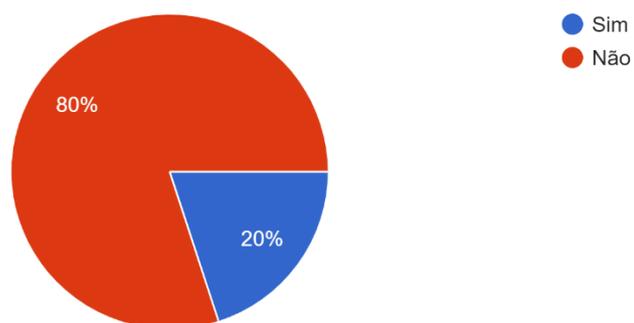
3- Tem acesso ao diagnóstico ou laudo da criança?

10 respostas



4- Recebe formação adequada ? (cursos específicos ou capacitação para alunos com TEA)

10 respostas





5- Quais formações?

10 respostas

Nenhuma.

Não recebo.

Não recebemos praticamente nada de formações.

Não recebemos cursos mais recebemos algumas palestras que podem ajudar.

Os cursos ofertados pela secretaria municipal são redundantes abordando sempre o mesmo.

Recebemos formações, no entanto, a prática é muito diferente daquilo que vemos no teórico.

Cursos que a prefeitura oferece.

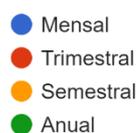
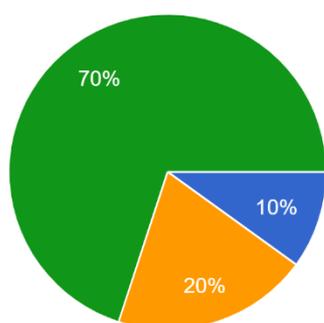
Há uma formação oferecida pela prefeitura porém muito fraca.

Não possui.

Nenhuma! As que tenho e de cursos particular que eu faço

6- Recebe capacitação frequentemente?

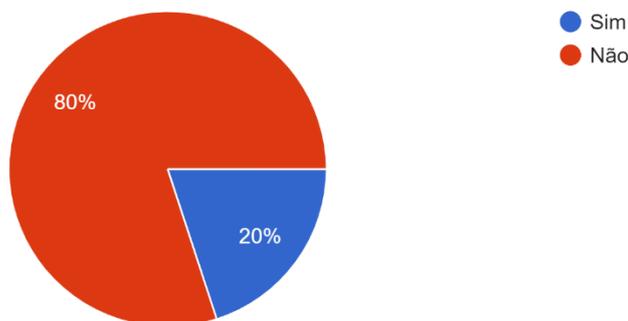
10 respostas





7- Recebe ajuda da orientadora ou coordenadora para a elaboração do plano de aula e das adaptações das atividades?

10 respostas



8- Qual apoio recebe?

10 respostas

Sem apoio

Quantos as dívidas que tenho.

Na Verdade nós professores de apoio não temos hora atividade para elaborar os planos de aula ou fazer alguma adaptação no plano de aula da professora regente, deveríamos ter ao menos 2 horas semanais para a elaboração de alguma atividade complementar para tentar sanar alguma dificuldade do aluno com TEA.

Nenhum.

Não recebo apoio.

Não recebemos.

Apoio de um profissional da educação, porém muitas vezes, não capacitado na área.

Não há esse tipo de apoio, não há atividades desenvolvidas para aquela determinada criança, muito menos as avaliações.

Dicas para adaptação do planejamento quando necessário.

Nenhum, minha os pais não trouxeram laudos, embora sabe-se que temos no mínimo três crianças TEA



9- Existem recursos que podem ser utilizados dentro da escola? (jogos, parede sensorial, materiais pedagógicos)

10 respostas

Sim

Sim

Sim, existem materiais pedagógicos e jogos que ajudam não só as crianças com TEA.

Não

Parcialmente. Noto que, o material pedagógico que mais surte efeito diante de uma crise é o Pop It.

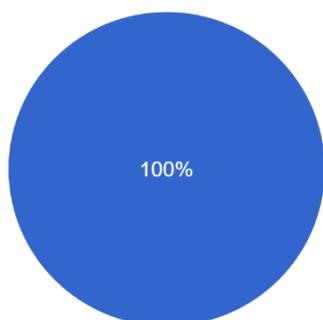
Há alguns sim, porém ainda deixa a desejar.



Há alguns, mas não são muitos e já estão ultrapassados.

10- Julga pertinente receber uma anamnese da criança com TEA contendo todas as características e informações do aluno?

10 respostas



● Sim
● Não



11- Qual é sua principal dificuldade dentro da sala de aula sendo professora de apoio?

10 respostas

Falta de recurso, formação continuada .

Conseguir adaptar o aluno em um ambiente que não é tão preparado para o receber.

A quantidade de autista por sala, isso torna o trabalho muito difícil, pois dar atenção para todos ao mesmo tempo é complicado porque cada criança tem sua particularidade/dificuldade.

Eu acredito que seja casos de alunos mais severos de TEA e outros aspectos que necessitam de professores de apoio mais especializados.

Suprir as necessidades da criança

Não sou professora de apoio, sou regente. No entanto, pude perceber que a principal dificuldade do professor de apoio é conter uma crise.

Falta de hora atividade, mais capacitações e materiais.

Não ter uma formação adequada, falta de comprometimento por parte da secretaria de educação para com os professores, falta de recursos, falta de atividades adaptadas para a criança em questão.

Adaptação do aluno com a sala de aula e colegas.



12- Dentro da escola que atua, a coordenação aplica um plano de ação especializado para crianças com TEA?

10 respostas

Não

Não.

Não.

Não, na verdade não só a coordenação da instituição, falta apoio da prefeitura que não oferece cursos e formações com qualidade para trabalhar com os alunos com TEA.

Infelizmente não que eu saiba, porém a direção e a coordenação atuam para melhorar as condições e o aprendizado de crianças com TEA.



Não